

ESCOLA NO PLURAL

José Cássio Másculo¹

RESUMO: Neste artigo estabelecemos uma relação entre cultura e representações escolares. Muitas das representações escolares estão apoiadas nos ritos de uma sociedade competitiva que exclui manifestações culturais que fogem ao padrão que se pretende global. A partir da obra *A cultura no plural*, de Michel de Certeau, discutimos a necessidade de uma escola que abarque as diferentes culturas: a escola no plural.

Palavras-chave: Cultura escolar, cultura, representações escolares

Enquanto lia *A cultura no plural*, de Michel de Certeau, vinha-me a imagem de um escritor trancado em um quarto de hotel, corpo esparramado em uma poltrona, copo de bebida na mão esquerda, quase tocando o chão, cigarro no canto da boca, cabelos despenteados e rosto anestesiado por estar há horas sem dormir. Ele estaria pensando no muro que aprisiona cada indivíduo numa sociedade de consumo e decide escrever a respeito de um comercial que acabou de assistir na televisão que reluz diante de seus olhos cansados:

[...] uma espécie de obstinação ou de nostalgia agita o interior da mitologia publicitária da felicidade e traduz o desejo de atingir um aquém das representações. É verdade que o desnudamento ainda é da ordem da representação. Mas a "vestimenta" social da representação designa seu contrário: a realidade nua. O corpo despido é, no interior

¹ Doutor em Educação: História, Política, Sociedade, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008); Mestre em Educação, opção Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2002); Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (1995); Licenciado em História pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1995). É professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie desde 2005, lecionando Didática, Fundamentos da Educação, Fundamentos e Metodologia do Ensino de História e Geografia e disciplinas de Gestão Escolar. Foi também professor de Didática e Prática de Ensino de História nas Faculdades de Guarulhos de 2001 a 2004, de História na Escola de Aplicação da FEUSP de 1997 a 2006 e da rede pública e privada de 1993 a 1997.

da linguagem, o tema que visa ao referente e o suporte da linguagem. É a emergência (traída pela sua própria inscrição na superfície das imagens) do movimento cultural que se põe em busca da "natureza", com toda a ilustração mitológica de um retorno à infância, à nudez paradisíaca, à imediatividade originária do não-saber, à "realidade" sempre velada. Por trás das barreiras sociais, sob os artifícios necessários do trabalho, haveria – há, dizem as imagens – um árvore da vida: o corpo, fruto oculto e proibido, prazer adormecido, promessa da saúde, fonte da felicidade. Esse "corpo profundo", corpo messiânico e vestígio do corpo de Deus, seria, para o corpo social, sua verdade perdida e aguardada (Certeau, 2005, p. 49).

Por um instante, o pensador da cultura no plural interpreta o erotismo das peças publicitárias sob o olhar judaico-cristão e imagina uma sociedade homogênea que acredita em um Deus, no paraíso e na árvore da vida. Se após o erótico comercial sua televisão começasse a projetar *A classe operária vai ao paraíso*, talvez nosso autor se questionasse se, para o operário Lulu, o nu da propaganda de cerveja não representaria apenas sexo, ou ainda, se o sexo seria apenas a repetição dos movimentos da máquina que operou o dia inteiro. Tragando muito lentamente seu cigarro, nosso autor imaginário diria: "Não! Lulu não é um operário, é uma representação produzida por um intelectual!". Mais um gole de bebida e escreveria de forma conclusiva:

A reconhecida incerteza quanto às fronteiras do domínio popular quanto à sua homogeneidade diante da unidade profunda e sempre reafirmada da cultura das elites poderia justamente significar que o domínio popular não existe ainda porque somos incapazes de falar dele sem fazer com que ele não mais exista (Certeau, 2005, p. 70-71).

A produção escrita (sobretudo a acadêmica) e a produção cinematográfica seguem ritos diferenciados, porém são produzidas (ou financiadas) pelas elites e para os abastados que podem comprar livros, frequentar a universidade ou salas de cineclubes. Quantos operários leram *Os trabalhadores* de Hobsbawm ou puderam assistir *A classe operária vai ao paraíso*? Se leram ou assistiram, teriam produzido a mesma história a respeito de sua classe social?² Considerando o que Certeau diz sobre a produção histórica, podemos concluir que a representação que os operários fazem de si está excluída da História:

[...] nossa historiografia privilegia os documentos escritos, isto é, interessa-se somente pela categoria social que é homogênea à dos autores e dos leitores dessa história. Na verdade, 99% da população de que falamos não escreve. O discurso historiográfico impõe como história da sociedade uma tautologia que faz com que

² Ou como diria Brecht, que perguntas fariam um operário que lê?

sempre "os mesmos" (aqueles que escrevem) sejam os autores, os leitores e os privilegiados por esses estudos. Todo o "resto" é silenciosamente reprimido por esse círculo do "mesmo" (Certeau, 2005, p.157).

Esse "círculo do mesmo" é delimitado por barreiras que, por trás de um suposto rigor acadêmico, garantem a poucos o domínio dos lugares de poder. O vestibular é um bom exemplo dessa situação: de todos os que desejam estudar, somente alguns serão selecionadas para este fim. A "meritocracia" em um sistema capitalista, onde apenas alguns têm acesso às informações, camufla um processo de escolha entre os mesmos: os donos do *capital científico*³. A medida em que as classes subalternas conseguem romper algumas dessas barreiras, novas são criadas para conter o acesso popular à produção científica: primeiro foram os exames de admissão, deixando a população pobre fora dos ginásios; depois o vestibular, reservando as universidades para poucos; os exames de proficiência na pós-graduação, e uma série de restrições ao acesso das massas às universidades.

Evidentemente, dominar outros idiomas é um conhecimento relevante que permite, entre outros fatores, o contato com diferentes produções acadêmicas e possibilita novas reflexões. Portanto, esse conhecimento deveria ser disponibilizado a todos que o desejassem ou precisassem dele (nos cursos de pós-graduação, por exemplo, disciplinas de leitura instrumental poderiam suprir essa necessidade). No entanto, na prática, os exames de proficiência em língua estrangeira garantem acesso aos programas de pós-graduação apenas dos estudantes que dominem idiomas (sobretudo das potências econômicas) independentemente do uso que deles farão em suas pesquisas. Trata-se de uma posição elitista e, o que é pior, de uma elite colonial que nega a própria produção acadêmica, supondo que as teses de doutorado elaboradas na Europa e nos Estados Unidos são melhores do que as brasileiras; negam seus cursos de letras ao desprezarem as traduções produzidas por aqui. Na verdade, trata-se de uma reserva de vagas para poucos nos "Eternal Gardens" de *Metrópolis*:

[...] tão acima, o complexo club of the sons, saguões de conferência, bibliotecas, teatros e estádios (...) pais, para quem toda revolução de máquinas significava sua, criaram para seus filhos o milagre dos "Eternal Gardens" (Metrópolis, 1931).

³ Parafrazeado a expressão "capital cultural" de Bourdieu, optei por "capital científico", uma vez que, se considerarmos a cultura como plural, ou ainda, como os costumes de um grupo ou etnia, concluiremos que todos possuem cultura.

As imagens do filme *Metrópolis* representam, literalmente, a divisão da sociedade em classes sociais, na qual os operários, ao final do expediente, *descem* para sua cidade, bem “abaixo da superfície da terra”, enquanto os filhos da elite divertem-se, estudam e praticam esportes, *bem acima*, em seus luxuosos clubes. O deslocamento entre esses *lugares* sociais ocorre por meio de um elevador. No final do filme, tal situação é superada pela conciliação entre patrões e empregados sob a cruz da Igreja. Tal conciliação é representada pelo aperto de mãos do líder operário e o dono da fábrica, promovido pelo jovem intelectual, filho do patrão, que “compreendeu” a situação dos operários após “descer” até a realidade dos subalternos. O meio acadêmico reproduz a fórmula de Fritz Lang: a elite privilegiada, que tem acesso aos bancos universitários, é quem produzirá a história daqueles que foram excluídos do meio acadêmico, tentará entender a “cultura popular” e, em algumas situações, “dar voz aos silenciados”. A *Universidade antipovo*⁴ produz o conhecimento sobre o povo, mas sem o povo.⁵

Prédio futuristas, pistões batendo compassados, sons ritmados, máquinas frenéticas, relógios de 10 horas, tempo de trabalho, apitos, trocas de turno, grades, operários cabisbaixos marchando em fila, passos curtos e compassados, movimentos repetitivos, automatização marginalizando o trabalho humano, privilegiando a organização, o controle, a racionalização científica, a “valorização do saber”: esta é a sociedade industrializada. Nessa sociedade o conhecimento acadêmico torna-se um espaço de poder, portanto, um lugar de disputas.

A esse respeito, Maurício Tragtenberg apresentou, em 1978, no I Seminário de Educação Brasileira, um texto intitulado “A delinqüência acadêmica”, no qual chamava a universidade de antipovo:

Não é uma instituição neutra; é uma instituição de classe, na qual as contradições de classe aparecem. Para obscurecer esses atores, ela desenvolve uma ideologia do saber neutro, científico, a neutralidade cultural e o mito de um saber “objetivo”, acima das contradições

⁴ Tragtenberg, *Sobre educação, política e sindicalismo*.

⁵ “O saber permanece ligado a um poder que o autoriza. O que está, portanto, em causa, não são ideologias nem opções, mas as relações que um objeto e os métodos científicos mantêm com a sociedade que os permite. E se os procedimentos científicos não são inocentes, se seus objetivos dependem de uma organização política, o próprio discurso da ciência deve admitir uma função que lhe é concedida por uma sociedade: ocultar o que ele pretende mostrar. Isso quer dizer que um aperfeiçoamento dos métodos ou uma inversão das convicções não mudará o que uma operação científica faz da cultura popular” (Certeau, 2005, p.58).

sociais. [...] Em suma, trata-se de "um complô de belas almas" recheadas de títulos acadêmicos, de doutorismos substituindo o bacharelismo, de uma nova pedantocracia, da produção de um saber a serviço do poder, seja ele de que espécie for (Tragtenberg, p.12).

Para Certeau, quando os intelectuais pensam e definem que tipo de instrução e qual educação deve ser seguida pela sociedade e as transmitem para o povo como se este fosse mero receptáculo, trata-se de uma visão de cultura que contrapõe elite e massa. Cinema, televisão, sindicatos repetem a mesma fórmula: pensar pelas massas. Segundo Certeau, hoje a televisão ocupa uma posição de destaque no processo de massificação, colocando os professores das escolas como agentes secundários: "ela fornece a um imenso público as imagens e a informação fabricadas em laboratório".⁶ Na representação da escola em que jovens repetem as mesmas frases, marcham em fila para serem engolidos por uma engrenagem que os transforma em massa, em *mais um tijolo no muro*, a figura do professor tirânico e sarcástico poderia ser substituída por uma televisão a repetir: "Gastem!", "Enriqueçam!".

Vivemos numa era em que a cidade "torna-se um labirinto de imagens" e "uma paisagem de cartazes organiza nossa realidade".⁷ Essa metáfora de Certeau nos lembra mais uma vez cenas do *The wall*, que retratam o compositor trancado no quarto de hotel, misturando imagens de sua televisão, luminosos que invadem sua janela, lembranças, alucinações, imagens de momentos de sua vida que acrescentaram tijolos ao muro que o cerca: a mãe, a guerra, a morte do pai, a escola, as paixões, as drogas e a televisão. Nosso escritor imaginário "nada 'obtem' da felicidade senão representações"⁸.

A tentativa de homogeneizar a sociedade (ou cercar os indivíduos com um muro) é a "cultura no singular". Para Certeau, essa cultura monolítica impede que as atividades criadoras passem a ser significativas: "a cultura no singular tornou-se uma mistificação política. Mais do que isso, ela é mortífera. Ameaça a própria criatividade"⁹.

Contrapondo-se a essa homogeneização, Certeau defende a cultura no plural: "(...) quanto mais a economia unifica, mais a cultura deve diferenciar"¹⁰. É como se nosso escritor imaginário gritasse, diante do muro, se existe alguém do outro lado. O

⁶ Certeau, *A cultura no plural*, p.167.

⁷ Certeau, op. cit. p.167.

⁸ Certeau, op. cit. p. 54.

⁹ Certeau, op. cit. p.142.

¹⁰ Certeau, op cit. p.143.

filme *The wall* termina ao som de “derrubem o muro”. Se considerarmos o muro a homogeneização da economia capitalista que aprisiona cada indivíduo, Marcuse diria: resista, não seja mais um tijolo; Certeau responderia: ocupem os espaços formados pelo muro; confirmem a ele outros sentidos; dêem a ele outras formas:

[...] as maneiras de utilizar o espaço fogem à planificação urbanística: capaz de criar uma composição de lugares, de espaços ocupados e espaços vazios, que permitem ou impedem a circulação, o urbanista é incapaz de articular essa racionalidade em concreto com os sistemas culturais, múltiplos e fluidos, que organizam a ocupação efetiva dos espaços internos (apartamentos, escadarias etc.) ou externos (ruas, praças etc.) e que os debilitam com vias inumeráveis (Certeau, 2005, p. 233).

Se de fato o lugar de onde falamos circunscreve o que podemos dizer e fazer,¹¹ também é certo que ele faz fronteira com outros lugares e seus respectivos limites. Se o objetivo não for destruir o outro, atuar nas fronteiras pode permitir a constituição de novos lugares, novos dizeres e, principalmente, novos fazeres. Na educação básica, por exemplo, a luta das camadas populares trouxe uma massa de novos alunos para dentro das escolas “públicas” que, até então, tinham conformações elitistas. Essa escola tenta moldar esse novo público, excluindo pela repetência, pela negação de seus valores, pela forma como ocupam esse espaço. Professores resistem porque o “lugar” de onde falam está delimitado pela cultura considerada erudita, a cultura escrita. No entanto, o fato de a escola ser o lugar da cultura escrita não impede que a mesma conviva com a cultura oral, o hip-hop, a expressão corporal, a socialização e outras formas que os alunos pobres tragam para dentro da escola. Se Certeau estiver certo (se me permitem o trocadilho), o encontro desses diferentes lugares pode resultar em diferentes escolas.

O anarquista Francisco Ferrer, no início do século XX, defendia uma pedagogia libertária que resultou nas Escolas Modernas. Nessas escolas, além da co-educação de ambos os sexos e de diferentes classes sociais através de uma educação racional, Ferrer defendia a abolição dos exames:

[...] inspirar amor ao trabalho sem sanções arbitrárias, já existem sanções naturais e inevitáveis. Sobretudo, evitemos fornecer às crianças a noção de comparação e medidas entre os indivíduos porque, para que os homens apreciem e compreendam a diversidade infinita que existe de caracteres e inteligências, é necessário evitar a figura da concepção imutável do “bom aluno” (Ferrer appud Tragtenberg, p.157).

¹¹ Certeau, op. cit. p.241.

A educação através de prêmios e castigos tem sido um dos lugares de formação dessa sociedade homogeneizada pela economia capitalista. Se quisermos pensar uma sociedade diferente, entre outras coisas, precisamos começar a pensar uma escola diferente. Talvez estejamos vivendo numa era que não precise mais da escola no singular, mas sim da escola no plural.

REFERÊNCIAS

Livros

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránsky. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre educação, política e sindicalismo*. 3. ed. revista. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

Filmes

A classe operária vai ao paraíso. Dir. Elio Petri. Itália, 1971.

Metropolis. Dir. Fritz Lang. Alemanha, 1927. Continental Filmes - DVD, 2004.

The Wall. Dir. Alan Parker. Metro-Goldwyn Mayer, 1982.